

E se um dia o céu nos cai em cima?

Os gauleses que habitavam a aldeia de Asterix viviam constantemente aterrados com a possibilidade de o céu lhes desabar nas cabeças. Ora, perto do final de *Optraken*, do colectivo Galaktik Ensemble, é mais ou menos isso que acontece. Na gíria do esquí, *op traken* refere-se à posição de estar preparado face ao perigo. Consiste num movimento rápido de flexão dos joelhos, que permite dar um pequeno salto controlado quando se passa inesperadamente por cima de uma protuberância de neve na pista. Significa 'ficar em guarda' e 'alerta', portanto.

Então, neste espectáculo esse estado de tensão é constante por parte dos cinco acrobatas/actores durante os 60 minutos que estão em cena — e que passam a voar. A relação dos corpos com o exterior — nomeadamente com ambientes hostis e, não poucas vezes, ameaçadores —, bem como a forma inesperada (e bem-humorada) de ultrapassar dificuldades sucessivas, foram os princípios que estiveram na origem desta criação.

Mas atenção, porque essas dificuldades podem não ser só 'físicas': tectos que nos desabam em cima, bolas de ténis disparadas de todos os lados, um saco gigante que nos embrulha e nos deixa pendurados a quatro metros de altura... As dificuldades com que nos deparamos podem também passar, por exemplo, por poder exprimir uma opinião.

É por isso que a dada altura alguém pega num microfone para falar e outro alguém lhe corta o pio. Ou surgem frases grafitadas num muro de betão tripartido, que faz aparecer e desaparecer os intérpretes como se eles fossem a bola do 'jogo da vermelhinha', que se fazia nas feiras. "Confrontar ideias vagas com imagens fortes", lê-se, escrito a giz — por quem? —, num ambiente em que a iminência do desastre é constante. Os espectadores não se contêm e soltam pequenos gritos, assustados, como se o que acontece no palco pudesse mesmo ser um acidente, e não pura prestidigitação. É o mundo que nos



© Nicolas Martinez

resvala sob os pés, ou o contrário? E, no entanto, à medida que os acidentes se sucedem somos invadidos por um optimismo imbatível, como se só uma boa garga-

lhada pudesse fazer frente à catástrofe. "O instante da decisão é pura loucura", alguém rabisca, a correr, numa parede. Há que flectir bem os joelhos — e estar preparado.

A sombra do 'homem sombra'

Ontem, a máquina do tempo que Franco Laera utiliza para que no seu curso de formação *O sentido dos Mestres* se viaje pelos vários projectos que dirigiu, aterrámos a dada altura na Bienal de Veneza de 1993. Foi o ano em que Robert Wilson venceu o cobiçado Leão de Ouro, prémio de escultura, com uma instalação na qual o criador, enterrado até aos ombros, erguia uma metáfora sobre a passagem do tempo, que o rodeava. Tudo se passava num enorme e antigo celeiro, cujo solo, coberto de lama, quando secava

deixava entrever as fissuras de uma jornada.

Para que esse efeito fosse possível, lembrou o 'homem sombra', que é como Laera gosta de se definir enquanto produtor, lá se encontraram os meios, e os bombeiros foram chamados para que a lama secasse a tempo e horas. O formador abordou ainda a artificialidade que, segundo ele, representa o advento dos teatros 'à italiana', uma realidade que considera "imposta". Falou também da utilização das máquinas, como meios que contribuem para a construção das emo-



© Patrícia Martinez

ções que são servidas ao público. E terminou a sessão de ontem à tarde revelando que, quando as coisas se complicam e os projec-

tos ameaçam claudicar, o 'homem sombra' consulta invariavelmente a sua própria sombra, que por acaso é a sua mulher.

Noite de Stein e Crippa

Ainda não eram oito horas da noite quando ontem os primeiros espectadores começaram a fazer bicha para adquirir os poucos bilhetes que ainda restavam para *O aniversário*, de Pinter / Stein. E, quando as portas fecharam para o início da peça, mais de seis dezenas de 'teatreiros' acabaram por ficar de fora: já não cabia nem mais uma mosca no Palco Grande.

As 615 pessoas que assistiram à última criação de Stein — com Madalena Crippa, a sua mulher, no papel da 'estalajadeira' — tiveram o privilégio de participar numa 'daquelas' noites de Festival. Os aplausos prolongados, após duas horas e meia de espectáculo, comprovaram-no: a noite de ontem já ninguém no-la tira. Stein veio agradecer, no fim: quase nunca o faz.



© Patrícia Martins



© Patrícia Martins

No laboratório

Ontem à tarde Inês Barahona e Miguel Fragata, a dupla criativa da companhia Formiga Atómica, explicaram ao público que os veio ouvir na Esplanada da Escola D. António da Costa, a forma como construíram *Montanha-russa*, um espectáculo sobre a adolescência, pensado para agradar à avó e ao neto: "Não queríamos ser adultos a fazer um espectáculo sobre a adolescência. O objectivo era fazer um trabalho abrangente o suficiente para que nele se revissem todas as faixas etárias, sem que ninguém se sentisse excluído".

Criaram mesmo um *petit comité*, constituído por adolescentes, que lhes desse *feedback* daqui-

lo que deveria constar no guião do seu espectáculo sobre aquela altura das vidas de todos nós — que é volátil, mas que de vez em quando regressa, nostálgico e difuso, às nossas memórias. E esse grupo de jovens ia-lhes dizendo, durante os ensaios, que faltavam "as guitarras eléctricas", e que se a peça não falasse "da questão do suicídio, a abordagem não estaria completa".

E no final de todo esse processo — que durou meses, recordaram os dois criadores — chegou a recompensa, em forma do reconhecimento de um espectador que lhes confessou "obrigado por me ajudarem a fazer as pazes com a minha adolescência".

Ventos errantes

Ventos do Apocalipse, uma criação de Noé João a partir do livro da autora moçambicana Paulina Chiziane, entronca na matriz da memória da guerra que permanece nos corpos, como nos explica o encenador: "A interacção do público com o espectáculo é feita através da memória. Seja ela de guerra, de sofrimento, de humilhação".

Noé João estará amanhã à conversa com o público do Festival, às 18h00, na Esplanada da Escola D. António da Costa. A conversa será moderada por Ana Bigotte Vieira.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos Mestres

Franco Laera
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio

Noé João
Escola D. António da Costa

18:30 e 21:00 | Dança

MOMO
Centro Cultural de Belém

19:00 | Novo Circo

Minuit
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música

Flamenc4et
Escola D. António da Costa

22:00 | Novo Circo

Optraken
Escola D. António da Costa

O olho do príncipe

TEATROLOGIA

Desde que os teatros passaram a ser cobertos, no século XVI, que se persegue essa utopia da visão perfeita — de tudo e para todos — do palco. Acontece que esse novo tipo de teatros — construídos pelo poder regente enquanto símbolo opulente desse mesmo poder — eram pagos pelo rei, que, claro, tinha direito ao melhor lugar para ver a cena. Esse sítio, designado como o 'olho do príncipe', consistia no ponto de fuga a partir do qual era estabelecida a perspectiva da cena, o que era particularmente notório no tempo em que os cenários eram feitos com telões pintados, e situava-se invariavelmente num camarote central.

Actualmente os encenadores estabelecem este ponto, onde instalam a sua 'mesa da encenação', regra geral no centro e a meio da plateia. É a partir desse 'ponto de vista' que o espectáculo é construído, tratando-se portanto do lugar ideal para assistir ao espectáculo. Muitos encenadores nunca saem desse sítio durante os ensaios; outros evoluem pelos corredores laterais da sala, avaliando se não existem ângulos 'mortos' de visão.

No tempo em que ainda se fumava nas salas de espectáculos durante os ensaios, era na mesa do encenador (se se tratasse de um fumador) que era posto o único cinzeiro disponível, o que garantia uma vasta afluência de toda a gente, a toda a hora. Quando os teatros começaram a proibir o tabaco em toda e qualquer altura, começou a haver criadores que passaram a exigir uma cláusula contratual que lhes permitisse 'dar umas passas' durante as montagens. A coreógrafa alemã Pina Bausch — que habitualmente acendia cigarros uns nos outros enquanto trabalhava — era uma delas. Em Portugal, Jorge Silva Melo e Joaquim Benite foram dos mais conhecidos pela sua condição tabágica: ou se podia fumar, ou não havia ensaio. // Rui Lagartinho

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Salsicha brasileira com lentilhas
Esparguete com camarões
Rancho Vegan

AMANHÃ

Lasanha de carne
Choco guisado com puré de batata
Salada de cuscus

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

